

O ENSINO DA TÉCNICA DE LOCOMOÇÃO PARA CEGOS

Sr. Syllas Fernandes Maciel — S. Paulo

E' nosso intuito neste trabalho abordar os principais aspectos do ensino da técnica de locomoção independente às pessoas cegas, focalizando os três pontos seguintes: a técnica de locomoção independente, a pessoa que se submete ao seu aprendizado e o técnico que o ministra.

Pouca coisa escrita especificamente há sobre o assunto. Por esta razão, o substrato deste trabalho encontra-se sedimentado na experiência de quatro anos com cegos adultos no Instituto de Reabilitação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, onde ministramos treinamentos a 52 pessoas.

Psico-fisicamente, a perda da liberdade de movimento é um problema bastante sério. Com algumas exceções, os pequenos movimentos humanos normais são controlados pela visão. Com a perda desta, a mobilidade no meio físico transforma-se num tremendo desafio. Mesmo para as pessoas que possuem o melhor equipamento e tiveram o melhor treinamento a movimentação de um lado para outro requer o máximo de atenção, habilidade e coragem.

No início da cegueira os problemas psico-emocionais do indivíduo, acrescidos pelos da comunidade, agravam as dificuldades. Nas pessoas com cegueira antiga, o medo acumulado a motivação diminuída e os hábitos de locomoção prejudicados, aumentam a gravidade do problema. Em situação mais complexa as pessoas cegas portadoras de cegueira congênita que não receberam na sua infância e adolescência educação e orientação adequadas.

Não obstante esta situação, nada impede que o limitado da visão se desenvolva em outras áreas de atividade, habilidade e conhecimento, podendo mesmo alcançar posição de destaque na vida. Entretanto, êle sempre poderá ser comparado ao pássaro engaiolado que canta alegre e ajustado a sua condição de prisioneiro. Mas, as suas deficiências aparecerão tão logo o soltem e seja obrigado a locomover-se sozinho num mundo onde os pássaros selvagens são normais. Em outras palavras! o pássaro caseiro é funcionalmente ineficiente comparado ao pássaro livre que per-

(*) Apresentado no I Congresso Brasileiro de Medicina Física e Reabilitação. III Seminário do Instituto de Reabilitação da Universidade de S. Paulo — 13 a 16 de dezembro de 1961.

cebe o relacionamento, o que não tem significado para o primeiro. Os indivíduos também, até certo ponto, tornam-se funcionalmente deficientes quando enfrentam um ambiente confuso e complexo. Assim, cada um de nós procura treinar e educar-se para enfrentar e resolver adequadamente situações complexas que surjam num mundo de competições. Nesse sentido, pergunta Platão, em se tratando de educação em geral! “não é a melhor educação aquela que dá ao espírito e ao corpo toda a beleza e perfeição de que são capazes?” Quase todos responderíamos “certamente”. Entretanto, há muitos que nunca atingiram, não atingem ou não poderão atingir tal perfeição, por este ou aquele motivo.

Discorrer sobre as vantagens do caminhar independente, seria perder tempo. Todavia, devemos considerar a grande importância da atividade muscular num organismo. Somente a atividade e energia podem tornar este organismo um ser humano. A musculatura humana precisa receber um estímulo suficiente para elevá-la acima da manifestação banal da atividade. Precisa de um estímulo periódico para desenvolver o sistema muscular, ou pelo menos, retê-lo no ponto mais útil. A tranquilidade e o vigor do espírito e do corpo podem estar mais intimamente ligados à ação muscular do que comumente se supõe. Sendo assim, considerem quão importante é dar uma educação que proporcione uma função sensitivo-motora perfeita, o que não pode ser feito parcialmente, tendo-se em mira o objetivo de Platão e nosso também. É evidente, portanto, que andando sem um guia a pessoa cega atingi-lo-á. Além disso, é uma necessidade, uma alegria e um direito que todos devem ter.

Embora muitos processos para a locomoção tenham sido estudados como por exemplo: recursos eletrônicos e o cão-guia, parece-nos ser das melhores técnicas, para diminuir os obstáculos à mobilidade e inculcar novos hábitos de locomoção aos cegos, o emprêgo da bengala longa. Isto porque o primeiro nunca saiu da fase de estudo. O segundo, o cão-guia, dada a complexidade da seleção, treinamento, manutenção e aquisição do animal, aliada à inexistência de escolas e treinadores, bem como, à efemeridade da vida do animal e à necessidade de legislação especial para permitir o seu uso em qualquer situação, tornam este recurso inadequado à nossa situação sócio-econômico-cultural. Todavia, a utilização de qualquer meio para a locomoção, guia vidente, cão-guia ou bengala, do ponto de vista de segurança e eficiência, deve ser avaliada em termos de capacidade e satisfação do indivíduo. Em nosso país, não há muito o que escolher.

Querer descrever detalhadamente um sistema de locomoção, — no presente caso a Técnica de Hoover — poderia, sem dúvida, acarretar falsas concepções que trariam mais prejuízos que benefícios. Entretanto, alguns esclarecimentos julgamos necessário serem fornecidos para evitar idéias errôneas:

- 1.º) Não há nada de mistério ou complicação no sistema de andar como o ensinamos. É uma simples combinação de lógica rigorosa, fria e prática e alguns princípios físicos elementares, baseados na observação, experimentação, debate e na prática, como foi investigada e analisada por pessoas competentes.
- 2.º) Não é uma coisa para se dominar em 10 lições fáceis. Os que a experimentaram podem testificar.
- 3.º) Quando a técnica é usada de maneira adequada é praticamente infalível. Contrariando a impressão dos principiantes, ela é segura.
- 4.º) Não é difícil de aprender, porém, exige muita prática e treino supervisionado.
- 5.º) A desvantagem que a maioria refere é o comprimento da bengala ao qual não estão acostumados. Isto pode ser desprezado porque eles logo se habituem, depois de um curto período de treinamento.
- 6.º) Esta técnica não deve ser considerada como sendo a última palavra ou o método decisivo. Um interesse e esforço para o seu aperfeiçoamento ou no estudo de melhores processos, devem estar sempre presentes no pensamento daqueles que se dedicam a esta atividade.

Alguém disse que a liberdade não é uma coisa que se procura às apalpadelas, sempre além do alcance. Ela é intrínseca ao indivíduo e pode ser desenvolvida. O valor da locomoção independente pode ser igualado ao da própria vida, se aceitarmos o argumento filosófico de Santo Tomás de Aquino que define o ser vivo como sendo aquele capaz de mover-se por si mesmo. A liberdade de movimentação faz mais pelo auto-respeito que o em-prêgo ou posição de destaque social. A capacidade de locomoção e a consciência do mundo imediato são fatores essenciais para viver e ganhar a vida. Portanto, a imobilidade, pode ser considerada como elemento de estagnação física e mental.

Uma, entre várias definições de locomoção, é o conhecimento e o controle do corpo em relação ao ambiente. Esta definição deve ser ampliada para incluir uma lembrança de "onde estou, que estou fazendo, onde vou?", em relação aos lugares, coisas e outras pessoas.

O que é necessário para que o limitado de visão enfrente com sucesso o treinamento da locomoção independente? Procuramos responder a esta pergunta, antes pela análise das dificuldades a serem enfrentadas pelo cego, que pela simples enumeração de requisitos.

O aprendizado da locomoção não é simples e frio como aparentemente possa parecer. Não basta apenas ter a bengala e saber manejá-la de

acôrdo com a técnica. A livre deambulação do limitado visual despertará os problemas acarretados pela cegueira, os quais se encontravam aparentemente resolvidos pela acomodação. São as chamadas perdas motivadas pela cegueira que passam a atuar sobre o indivíduo. O reverendo Thomas J. Carrol, líder no campo da pesquisa e reabilitação de cegos nos Estados Unidos da América do Norte, estudando os efeitos da cegueira nos seus portadores, localizou uma série de prejuízos motivados por esta limitação, alguns dos quais citaremos:

- perda da integridade física
- perda da confiança nos sentidos restantes
- perda do contacto com a realidade
- perda da perspectiva
- perda da percepção das coisas que dão prazer visual
- perda da mobilidade
- perda da facilidade de relacionamento com outras pessoas
- perda da recreação de carácter ativo
- perda da segurança pessoal, interna e externa.
- perda do funcionamento social adequado
- perda da auto-estima, etc.

Considerando-se o indivíduo sob o impacto desses prejuízos e sob a pressão dos conceitos já formulados pela sociedade a respeito dos cegos, fácil se torna a compreensão da necessidade do preparo psico-emocional do deficiente visual para que se disponha a enfrentar com êxito, o treinamento da locomoção independente. Neste preparo, aspectos como: grau de ajustamento à condição de cegueira, atitude da família em face à limitação, pressões do ambiente em que o indivíduo vive e estrutura de sua personalidade, precisam ser estudados e trabalhados.

Condições físicas tais como: acuidade visual, causa da cegueira, seu prognóstico, cuidados especiais e a época de sua instalação, são essenciais ao conhecimento da pessoa para que ela tenha consciência de sua situação e possa decidir-se a ajudar-se a si mesma.

O conhecimento no nível mental, condições sensoriais; incapacidades adicionais, condições orgânicas gerais, focalizando os aspectos: cardíaco, endócrino e neuro-vegetativo, são de suma importância para a formulação do programa de treinamento adequado.

Conclui-se então, que para a re aquisição da mobilidade pela pessoa cega, é necessária a colaboração de várias disciplinas, o que nos induz à compreensão de que a locomoção não é, nem pode ser um processo de aprendizado isolado, devendo fazer parte do programa de reabilitação total, entendida esta, não como uma "arte médica", como por vezes aqui foi dito e repetido contraditoriamente, mas sim, como o esforço conjugado de várias disciplinas no sentido de promover o máximo de independência e auto-su-

ficiência dos limitados fisicamente. Neste esforço, todos os profissionais são igualmente necessários e importantes e, se alguém deva sobrepor-se, com direitos insofismáveis, este alguém é o cliente.

Talvez seja agora o momento oportuno para dizer alguma coisa sobre o profissional que irá ministrar o treinamento da locomoção. Antes porém, algumas considerações se fazem necessárias. E' preciso dar ênfase à necessidade da formação profissional, pois, o técnico de locomoção toma a vida e a segurança de seus clientes em suas mãos.

A carência de técnicos neste campo é tão grande que não é surpresa encontrar voluntários, parcialmente treinados ou sem nenhum treinamento, cegos e videntes, mostrando aos limitados da visão como se locomover. Convem ponderar que ministrar treinamento a uma pessoa cega sem ter o preparo profissional para isso, é uma ousadia, uma temeridade, um desrespeito e completa desvalorização pela vida do seu semelhante. Antes que atentar contra a segurança física e emocional do deficitário da visão, é preferível, é racional e mais humano, deixá-lo dentro de sua casa ou instituição, onde, pelo menos, zelam pela sua vida.

Muito felizmente pode-se hoje esperar pela exigência de um diploma para ser um profissional no ensino da locomoção, visto que existe, por parte da direção do Instituto de Reabilitação e dos líderes na reabilitação de cegos, uma preocupação neste sentido, preocupação esta aliás, que já deixa de ter significado, pois, já é uma realidade, ainda que muito incipiente, o curso de formação de técnicos no ensino de locomoção para cegos, organizado pelo Instituto de Reabilitação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, com orientação e colaboração da Fundação para o Livro do Cego no Brasil.

Que tipo de pessoa? Que características deve possuir? O que deve saber? o indivíduo pretende ser instrutor de locomoção. Estes são alguns dos pontos que a seguir procuraremos elucidar.

De acôrdo com a orientação norte-americana, à qual seguimos, não por simples imitação, mas porque encerra o fruto de árduo trabalho, de estudos e pesquisas, bem como representa o estágio de evolução mais adiantado, a seleção do pessoal para essa profissão, deve obedecer os seguintes padrões:

1.o — **Escolar** — instrução secundária completa.

2.o — **Físico** — a) A visão não deve ser afetada de tal modo que não possa ser corrigida a 20/20. Não pode haver erros no campo visual, nem sinais de afecção patológica que possa progredir. b) Audição normal e bom estado físico.

3.o — **Características pessoais** — E' óbvio que não é necessário conseguir-se um modelo de virtudes para ser um instrutor. Uma grande quali-

dade que êle deve ter, do nosso ponto de vista, é ser um individuo honesto. “A capacidade de dar-se bem com as pessoas”, não mencionando “gostar” das pessoas, mas sim, estabelecer relações positivas que podem ser muito bem cortezmente, profissionais sem serem calorosas, pode parecer de grande valor aos psicólogos. Bem como a necessidade de possuir observação aguda e capacidade de interpretar essa observação. Do ponto de vista de qualquer pessoa esclarecida, o “bom senso” que parece significar uma combinação da sabedoria materna que dá o poder clássico de distinguir o bem do mal e o conhecimento paterno dos êrros humanos que calcula delicadamente quando é a ocasião de admoestar o cliente com palavras de um professor de crianças: “olhe aqui, você não está fazendo o que nós esperamos de você”, deve ser a bússola que norteará todo o seu trabalho. Em suma, um caráter capaz de reagir a tôdas as situações emocionais de modo construtivo, realista e otimista, parece ser o mínimo que se pode exigir.

Muitas outras características poderiam ser apontadas, mas julgamos ser mais fácil dizer o que o instrutor não deve ser:

impaciente
autoritário
impulsivo
intolerante
embaraçado durante o trabalho
desonesto e
mórbido.

Em conclusão, queremos dizer e deixar bem claro que o ensino da técnica de locomoção é um serviço de grave responsabilidade que exige formação profissional de alto-padrão e não pode ser realizado isolada e empiricamente.

Para finalizar, aqui fica uma nota que, longe de significar bom humor, simboliza o quanto de dificuldade encontra um deficiente visual por parte do público para o exercício de sua liberdade de locomoção. Não se espantem os senhores se algum dia em visita a um cemitério, encontrarem sôbre um túmulo o seguinte epitáfio: “Aqui faz o corpo de João da Silva, que morreu defendendo o seu direito de caminhar. Êle era direito, morreu direito, quando perambulava por aí. Mas, justamente porque morreu, êle foi sempre um homem errado”.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — ADJUSTMENT CENTER FOR THE BLIND
Findings of the Spring Mill Conference
New York — American Foundation for the Blind
February 1951.

- 2 -- HOOVER, Richard E.
TECNICA DE LOCOMOÇÃO E ORIENTAÇÃO PARA O CEGO
Proceedings of American Association of Workers for the Blind
New York — 1947
- 3 — LOUZÁ, José Rodrigues
A FORMAÇÃO DE TÉCNICOS NO ENSINO DA LOCOMOÇÃO DE CEGOS NO BRASIL — apresentado na Interamerican
Conference on Work for the Blind — Guatemala City March 1961.
- 4 — CARROL, Reverend Thomas J.
BLINDNESS: — What it is, what it does and how to live with it —
EE. UU. e Canadá — Little Brown Company 1961.
- 5 — FINESTONE, Samuel Ed.
Casework and Blindness — American Foundation for the Blind —
New York 1960.
- 6 — Consulta a 52 prontuários de clientes cegos do Instituto de Reabilitação 1958-1961.